



MARCENARIA

Instituto Tomie Ohtake

Relatos e artefatos da memória
de uma escrita pela madeira



**Assista / ouça o vídeo em Libras
(Língua brasileira de sinais) com
legendas e voz em português
apresentando a publicação.**



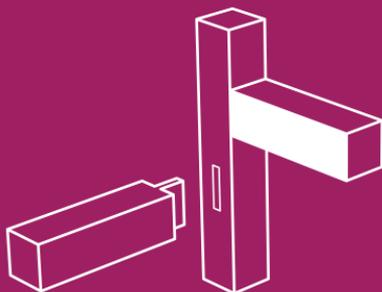
**Ouçã a narraçã da publicaçã
com audiodescriçã das imagens.**

Ministério da Cultura, Copersucar, Leo Madeiras
e Instituto Tomie Ohtake apresentam:

MARCENARIA

Instituto Tomie Ohtake

Relatos e artefatos da memória
de uma escrita pela madeira



- 7** **Só não existe o que não
pode ser imaginado**
João Paulo Lima
- 11** **Marcenaria como ateliê de
investigação, invenção e troca**
Carol Tonetti
- 15** **Dissidentes**
Claudio Rubino
- 21** **Cadeira de balanço**
Nane Garrido
- 27** **A caixa**
Sueli Trindade
- 31** **Minha experiência de Marcenaria**
Júlia Jinkings
- 35** **Não sei quando foi**
Alex Uzueli
- 42** **Construa!**
Projetos básicos de marcenaria
- 59** **Extra**
Vídeos Construa!
- 61** **Ficha técnica**

Só não existe o que não pode ser imaginado

7

NOTA DO EDITOR

João Paulo Lima

Artista-performer-educador e escritor. Doutorando em Dança (UFBA). Mestre em Literatura Comparada (UFC). Técnico em dança contemporânea e assessor de acessibilidade. Desenvolve suas pesquisas sobre corporeidades diversas. Dirige espetáculos de dança, teatro e videoperformance. É ativista dos direitos das pessoas com deficiência e colaborador do coletivo nacional LGBT: Vale PCD.

A máxima do poeta Murilo Mendes abre essa edição do projeto Marcenaria. Nossos encontros e conversas para a escrita de cada texto foram pautados em memórias afetivas, objetos e pessoas que contribuíram com nossas histórias.

O mote inicial poderia ter sido: o que poderíamos escrever para essa publicação? No entanto, fez-se mais urgente as perguntas: que objeto criaríamos hoje a partir de algo tão genuíno e elementar quanto a madeira? E por quê ou para quem faríamos esse objeto?

As questões dispararam no mesmo instante a ludicidade natural de cada pessoa e era necessário apenas arriscar e riscar o papel.

Mãos à obra!

Cada conversa durante as orientações individuais moldava os afetos, revelava o estilo de cada escrita, de como cada pessoa ia descobrindo o desenhar da palavra que definia sua ideia, seu projeto, seu imaginário. Imaginar nos salvava da realidade crua e prática. Escrever também é uma revelação e “às vezes escrever uma linha apenas pode salvar o coração” disse Clarice Lispector em seu livro *Um sopro de Vida*.

Aprendemos a escrita não só na ação de tomar papel e lápis ou, como na atualidade, estarmos diante de nossos dispositivos, ela é um processo que está no corpo inteiro e nosso corpo é toda memória. Cada observação, instrução, frase sugerida, modificada, gerava sentimentos e emoções que criaram esse espaço poético, narrativo ou memorialístico dos textos.

Diante da tecnologia insuperável da escrita, o manusear da madeira primeiro e a palavra no papel depois uniram o ter estado no curso de marcenaria e o também escrever sobre ele. Cada palavra feito um toquinho de madeira empilhado, afixado ou colado ia formando ou reformando nossos objetos-sentimentos. Tudo se tornou possível fazer:

caixas, casas, escorregadores ou cadeiras de balanço. Tudo cabe na imensidão da memória, da imaginação ou do sonho porque “a poesia existe porque a vida só não basta”, afirmou o escritor Ferreira Gullar. Mas onde está a poesia senão dentro da vida, dentro de nós, dentro das coisas que nos rodeiam.

Enfim, apresentamos aos leitores a pujança de cada composição - texto - objeto - afeto que se constituiu nos nossos encontros moldeados de memórias compartilhadas.

Marcenaria investigação, invenção e troca

11

Carol Tonetti

Doutora em Projeto, Espaço e Cultura pela (FAU-USP) e atua nas interseções entre os campos da arte, da arquitetura, do design e da educação explorando as potencialidades das práticas espaciais na pesquisa, na produção tridimensional e nas articulações dos espaços urbanos com seus diversos agentes socioculturais. É diretora do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake e professora na Escola da Cidade, onde coordena o Estúdio Vertical e o curso de pós-graduação Arquitetura, Educação e Sociedade.

O Instituto Tomie Ohtake há mais de duas décadas trabalha em um campo de pesquisas e práticas que se dá na interdisciplinaridade da arte, da arquitetura, do design e da educação. Assim ocorre porque entende a cultura como algo que vai muito além das práticas artísticas e que é um direito básico, expressão da vida e, ao mesmo tempo, constituinte de modos de fazer e viver, modos de nos relacionarmos e nos constituirmos material e simbolicamente.

Trabalhar a marcenaria como ateliê de investigação, invenção e troca nos coloca tanto o desafio de projetar, antever e imaginar o que se vai executar, quanto possibilita pensar com as mãos através do toque suave da madeira. Essa relação entre os objetos e as mãos proporciona um resgate da humanidade pelo tato, assim entendeu o semiólogo francês Roland Barthes ao pensar os brinquedos como um dos mitos do cotidiano.

Cadeira de balanço, caixa, escorregador, carrinho de rolimã, banqueta e barquinho são memórias e ideias que ganham forma em cumaru, peroba ou pinus para existirem no mundo como os textos reunidos nesta publicação. Textos que são fruto de um segundo tempo de ateliê no qual a escrita coletiva foi trabalhada como fluxo e elaboração das experiências vivenciadas na marcenaria.

Madeira, desenhos e palavras como substâncias poéticas que inspirem sua aplicação e reprodução em outros contextos, para outras possibilidades e também para permanência e fortalecimento da cultura como um direito de todas e todos.

Agradecemos ao Ministério da Cultura, que por meio da lei de incentivo, permite o aporte de recursos que viabilizam esses projetos, assim como agradecemos às empresas patrocinadoras que tornaram possível esse projeto.

Claudio Rubino

Gestor cultural. Pessoa com deficiência atuante na luta anticapacitista e acessibilidade na cultura. Licenciado em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes SP, pós-graduado em Educação Inclusiva com ênfase em Deficiências Múltiplas (UNIFESP). Especialista em Gestão Cultural Contemporânea (IC). Coordenador de acessibilidade no Instituto Tomie Ohtake e consultor em diversas organizações culturais.

Planejar é uma ação inerente das pessoas e envolve uma inquietação. É uma necessidade que antecede a quebra da inércia em direção a uma demanda individual ou coletiva, mas que só nasce depois da vontade que pode ser espontânea ou provocada. A ideia, que acompanha a vontade e o planejamento, não necessariamente brota involuntariamente a partir de um pedaço de papel onde uns rabiscos são esquadrihados.

A ideia pode te surpreender durante uma conversa entre amigos, colegas de trabalho, professores ou um pedido vindo de outras pessoas que você nunca teve contato; ela pode vir de qualquer lugar, de qualquer lado, em qualquer situação e convergir com diversas áreas de estudo e relações sociais que você tem, favorecendo uma ampliação de repertório cultural e até mesmo emocional. Você que está lendo ou ouvindo este texto já deve ter tido uma ideia enquanto realizava as atividades mais corriqueiras e banais: tomando um banho ou enquanto encostava a cabeça no travesseiro para dormir.

Medir, desenhar, testar, cortar, lixar, parafusar e por fim dar acabamento ... pronto! Com começo, meio e fim o que era só uma ideia pode se concretizar em um determinado período de tempo e condições necessárias para execução. Simples? Dependendo das ferramentas físicas e de mediação que escolher utilizar pode não ser simples, mas com certeza será tão surpreendente quanto uma caixa com diversos compartimentos, sendo alguns deles ocultos, que só se revelam quando usamos outras formas de acessá-los, sem pressão, sem chaves, sem fórmulas ou códigos secretos, mas com a atenção ao que cada um deles evidencia.

Escrever um projeto como o Marcenaria ao longo dos últimos anos por diversas mãos, algumas delas sinalizantes e outras atípicas, revelou muito mais sobre as pessoas que atuaram nele do que sobre o ofício ou a arte da

marcenaria em si. A marcenaria como mote das relações socioculturais de um curso prático com um punhado de encontros distribuídos em alguns meses envolvendo professores, professoras, intérpretes, alunas, alunos, suas famílias e instituições culturais.

A atenção na gestão de um projeto que envolve jovens, ferramentas de corte, objetos perfurantes e produtos químicos não fica restrita à uma pessoa ou determinada função, ela é coletiva, exige observação, cuidado e tempo para entender mecanismos sociais de confiança e responsabilidades coletivas que são exercitadas ali mesmo, na oficina que a primeira vista parece caótica, porém organizada. Tão importante quanto o conhecimento técnico aprendido no curso, as experiências em visitas e oficinas em outras instituições culturais alimentaram as ideias e relações. Com bases em amizades preexistentes dos jovens participantes antes do curso e outras que começaram entre placas de madeira, serragem e parafusos, surgiram romances, reflexões acerca de orientação sexual, alguns conflitos (é claro) e reconhecimento da diversidade que foram além de participantes surdos, surdo-cegos, neuroatípicos e com outras capacidades, características dissidentes ou de vulnerabilidades sociais. Tudo isso em meio a produção de bancos, mesas, caixas, casinhas de cachorro, baús e outros objetos que foram produzidos para uso próprio e também doados para instituições de educação e assistência social nos últimos anos.

Pensado nessa miscelânea de pessoas, a caixa com diversos compartimentos expostos e irrevelados construída em um breve curso de marcenaria teve como principal função as reflexões acerca do processo, o percurso com as escolhas que foram tomadas a partir de uma ou mais ideias, coletivas ou individuais. Nem todos os compartimentos foram acessados ao longo do curso por quem construiu a caixa, mas

foram instalados e certamente estão presentes para quando cada um, a seu tempo e oportunidades, acionar a fim de acessar uma memória, uma técnica, uma solução de problema e planejar a partir de uma nova ideia.

Ao longo dos 13 anos de existência do projeto Marcenaria Instituto Tomie Ohtake, centenas de alunas e alunos jovens, adultos e idosos, bem como as professoras, professores, intérpretes, assistentes e pessoas que atuaram na produção criaram suas próprias caixas de compartimentos individuais e coletivos e seguem, de alguma forma, ampliando seu uso aprendido e interações.

Das caixas, que não guardam apenas coisas ou memórias, surgem novas ideias e planejamentos de produção e fomento às produções culturais que estimulam diálogos e a participação de diversidade de públicos com base em experiências práticas e teóricas. Com o projeto Marcenaria, foi possível articular reflexões para construção de espaços de convivência entre a diversidade de corpos, formas de se comunicar e se relacionar para experiências artísticas e, com isso, incentivar mudanças no pensamento coletivo em relação a nós, pessoas com deficiência, inclusive entre nós mesmos enquanto potências individuais, coletivas e Dissidentes.

Cadeira de balanço

21

Nane Garrido

Professora de Educação Física, nas ETEC Antônio Furlan, ETEC Braz Paschoalin e Professora no Município de Santana de Parnaíba. Pós graduada em Eventos Educacionais e ex-aluna da Escola de Marcenaria OficinaLab no curso MPC de Marcenaria. Proprietária do Ateliê de Marcenaria Nane Garrido.

O que uma cadeira de balanço representa para você? Uma lembrança afetiva? Uma história de terror? Ela balançando sozinha à noite? A avó ou avô cochilando por horas? Ou sua mãe lendo contos?

Minha memória de cadeira de balanço se faz, definitivamente, com a sua própria estrutura. A cadeira que foi feita para durar, tenho dito isso sempre, com toda a certeza: A cadeira de balanço foi feita para durar. E sem dúvida, a cadeira de balanço foi pensada para se transformar em um afeto.

Imagina uma estrutura que acalenta, acolhe e nina. Desse jeitinho, nessa ordem. Ela foi feita para acolher...

A vida me deu de presente minha amada mãe, Lúcia. Mulher forte e linda, inteligente, esperta, que sempre lutou muito para nos dar o melhor e permitiu que tivéssemos o segundo presente na vida, minha tia Nena. Que mulheres absolutas e fortes!

Mas minha história nesse texto é sobre uma tia e sua cadeira de balanço, ambas criaram memórias fortes e atravessaram o tempo.

Éramos cinco crianças abençoadas: Bete, Zanza, Du, Érica e Eu. Uma escadinha etária, 10, 9, 8, 7, 6 e 5 anos. Mas havia também a prima mais velha. Márcia. Já adolescente. Ela cuidava, tapeava, aconselhava e só no olhar colocava todos para correr.

Dona Nena, mãe da Márcia, era a dona dela: A Cadeira de balanço. Outros objetos compunham esse espaço de tempo e vida. O telefone antigo na parede, a cristaleira perfeitamente arrumada e limpa. O piano preto, grande, imponente que a só a prima podia tocar. Claro que mexíamos às escondidas. Mas a cadeira de balanço era a minha questão. Para um adulto ela era frágil, pequena, de pinus, palhinha, aquela bem clássica. Os meus pés cabiam certinho, ali eu me balançava. Os apoios de braço faziam uma curva perfeita e terminavam nas minhas

costas. Para uma criança, ela era grande, forte e rápida. Rápida? Muito. Ela voava, balançava alto e, juro, ela saía sozinha do lugar. E de tão alto que conseguia balançar, ela fazia chegar meus pés ao teto.

Certo dia, dessas tardes que ficávamos sozinhos por cinco minutos enquanto minha tia comprava pão, apostávamos que todos conseguiriam ficar em cima da cadeira. E ali, equilibrados, em êxtase, gargalhamos alto. Aquelas tardes na casa da tia rendiam broncas.

As brigas eram frequentes, quem seria o primeiro? As mais velhas, é claro. Não! Os mais novos. Já estávamos velhas para sentar, ela era para criancinhas. O tempo passou, e já tínhamos 13, 12, 11, 10, 9, crescíamos.

A bronca já era mais forte e com tom de responsabilizar.

Vocês precisam cuidar para que ela dure, para ser dos filhos, netos e sobrinhos. Tem que durar! Vocês quebram tudo, não têm cuidado!

Para a criançada a bronca não importava muito, a cadeira era forte. Ela aguentava. A Laika, cachorrinha da tia, já tinha se balançado nela. Juro, eu tentava fazê-la caber, mas um dia, a Laika se foi.

Eu cresci ainda mais. Meus irmãos cresceram, minha Tia Nena se foi.

Hoje, professora de Educação Física, profissão escolhida desde a infância e, declaradamente apaixonada pela licenciatura, busquei uma nova profissão, um novo olhar pela vida. Fiz marcenaria. Era um hobby. Virou profissão. Trouxe para minha vida de professora, ensinei, criei e me reconectei com a cadeira de balanço.

Há poucos dias, ela estava na oficina, esperando ser lixada, envernizada ou receber um detalhe. Talvez, aos poucos, poderia reformá-la. Sem pressa, tirar alguns cupins, arrumar o pé remendado. A palhinha continua intacta.

A marcenaria me trouxe esse olhar sobre ressignificar ou criar novas memórias. Manter a memória é importante, mas mudando o ângulo da visão.

Agora, estamos construindo uma casa de madeira, no mato. Minha companheira e eu. Pretendemos passar um tempo por lá. Criar novas memórias, receber amigos e família. Novas cadeiras não de surgir. Quem sabe para envelhecer balançando nelas. Na varanda, vendo os sobrinhos crescer, a Letícia na mini cadeira de balanço e dar broncas bem bravas, nos sobrinhos mais velhos, como minha Tia Nena dava: “Não quebre a cadeira de balanço, ela é pequena e vocês não têm mais idade para subir”

Mas dessa vez, os sobrinhos mais velhos terão uma cadeira grande para balançar, criaremos nossas novas memórias e teremos sempre a presença dela: Tia Nena que tinha uma cadeira de balanço.

Sueli Trindade

Intérprete de libras, atua em espaços culturais, educacionais e empresariais. Em 2008 iniciou trabalhos como voluntária atuando na EJA Ilha de Vera Cruz, no CES Rio Branco e na ONG SELI. Atualmente trabalha na Palhaçaria pelo Canto Cidadão e na Contação de Histórias para crianças e adolescentes pela Associação Viva e Deixe Viver, ambos em hospitais desde 2009.

AXIAC...

AIXAC.....

XACAI....

A CAIXA

que surge sem um manual, como numa brincadeira de infância com a certeza de criar tudo o que é possível imaginar.

Nela vasculho e encontro as memórias misturadas que saltam como palavras sem culpa.

E ali, sentindo o cheiro doce da madeira que me leva até a infância, vejo meu pai na bancada: serra, cola, encaixa, lixa, pinta e enverniza. Eis a sua obra de arte finalizada. Com muito amor, ele entrega a mesa, armários, a penteadeira e muito mais.

O que fazer com as sobras? Ah são a minha recompensa! Recolho todos eles e um sobre o outro empilho. Surge uma grande torre de onde posso observar ao longe o horizonte.

Como num passe de mágica, um *zoom*, logo me transporto e vejo as pedras do riacho, a água que corre tranquila, construindo um caminho sem volta, como o conhecimento das experiências vividas e adquiridas na marcenaria. Sinto a água fresca em meus pés, caminho entre as pedras e ali, na outra margem, me deparo com a jangada feita por mim dos toquinhos de madeira. Num impulso, salto e logo estou na jangada que desliza pelo riacho. Percebo o vento e rapidamente costuro as palavras uma na outra AMIZADE + SOL + DESEJO + FORÇA + RENOVAÇÃO + ALEGRIA + AMOR + PAI e eis que surge uma vela, dou um rumo à jangada. Com a ajuda do vento, sou levada pelo caminho estreito do riacho, que se abre num rio e depois na imensidão do mar.

Assim posso explorar o lugar que eu desejar.

O sol se põe em contraste com o mar que me traz uma saudade de casa. Agora com o céu estrelado e os raios da lua, adormeço com aquela imagem a me iluminar.

Ao acordar, lá estou rodeada pelos preciosos toquinhos de madeira, presentes do meu pai. Gasto horas e horas construindo tudo aquilo que a imaginação desejar: a casa sobre a árvore, a mesa, o banco, o armário, a casa de bonecas, a estante, o baú, e tantas outras coisas, mas para todos os lados que eu olho, ali eu vejo: A CAIXA. Tudo é feito de caixa.

A vida também é uma caixa, onde tudo se encaixa.

Em 2018, entrei no Projeto de Marcenaria para Jovens como intérprete de libras e tive a alegria de participar por sete edições seguidas naquele ambiente onde cheiros de madeira e ferramentas me traziam boas lembranças. A cada edição eu pude experienciar a evolução dos alunos na interação e comunicação entre eles (surdos e ouvintes) e na construção de um ambiente de colaboração e respeito junto aos professores. O brilho no olhar nos momentos de descoberta em cada uma das etapas: da ideia, desenho, projeto e finalmente a construção. No final, o orgulho ao apresentar a todos e explicar o porquê do projeto criado e feito por ele/a.

Este é, sem dúvidas, um projeto que mudou vidas gerando empoderamento aos jovens, dando-lhes a certeza do **SER CAPAZ!**

Minha experiência de Marcenaria

31

Júlia Jinkings

Graduanda em Letras-Libras na Faculdade Única. Participou de um curso avançado na escola de Marcenaria do OficinaLab e também como aluna, participou de quatro edições do curso Marcenaria promovido pelo Instituto Tomie Ohtake, onde posteriormente trabalhou como professora surda dedicada à comunicação entre participantes surdas, surdos e ouvintes para ampliar seus conhecimentos, técnicas e autoconfiança.

Me chamo Júlia Bueno Jinkings, sou uma mulher surda, tenho 19 anos. Fui criada com meus pais, sou a única surda de uma família de ouvintes. Apesar de todos os desafios que meus pais passaram por terem uma filha surda, estudei e terminei regularmente meus estudos.

Certo dia, em sala de aula, colegas começaram a falar que teria o curso de marcenaria, mas eu não simpatizava com a ideia e esse tipo de atividade. Confesso que não me agradavam. Porém, quando apareceu essa oportunidade, não pensei duas vezes, aceitei participar do curso.

Marcaram a data do primeiro dia de aula. Lá estava eu, aprendendo um pouquinho de cada detalhe e depois os vários conteúdos e práticas mais específicas. Eu sempre perguntava muito, tirava muitas dúvidas. Passei a compor muitas ideias para realizar pequenos projetos. O que antes era uma antipatia passou a ser encantamento e ambição por aprender mais. Fui muito assídua e só aumenta a vontade de aprender e aperfeiçoar mais o que aprendi. Por essa razão, dei continuidade ao curso no nível mais avançado. Perceberam como eu me dedicava e gostava do curso. Foi um convite para o curso avançado, eu aceitei imediatamente. Ali, naquele momento elaborei um projeto com começo, meio e fim. Projetei algo que eu sempre quis fazer: três quadrados e um ferro, pra eu usar no meu quarto ou na sala também. Por último uma caixa, pra meus gatinhos, a Luna e o Theo, uma casinha para eles poderem dormir mais confortável.

Quando finalizei tudo me dei conta do quanto havia aprendido e feito naquele lugar, o quanto é inovador e um desafio cheio de esforços.

No ano 2022, eu comecei a vislumbrar a realização de uma ideia, fazer alguma coisa pra minha casa. Foi então que me veio a grande ideia de construir um escorregador no quarto para o meu irmão, porque ele sempre gostou desse brinquedo e era apaixonado pela ideia por saber que eu fazia

o curso de marcenaria. Ele sabia exatamente o tipo de escorregador que ele sonha.

33

Eu amo muito o meu irmão e sempre quero vê-lo feliz. Sempre me ajudou em tudo, principalmente na minha comunicação com as outras pessoas.

Tem sido esse o meu sonho ultimamente, fabricar com minhas próprias mãos um escorregador pra ele e demonstrar todo o carinho que sinto.

No fundo do meu coração, sempre desejei aprender as coisas de marcenaria, de ferramentas, porque eu sempre via o meu primo, que é marceneiro e faz qualquer coisa. Sempre quis muito aprender como ele. A marcenaria passou a formar parte da minha vida, os materiais e as palavras dos instrumentos: grampo, tupaia, serra da mesa, tico-tico, furadeira, parafuso, esquadro, etc. Aprendi também a pensar o quê e como fazer o objeto que eu quero: onde vou por, para que eu vou usar, pensar as medidas, qual tamanho, os ajustes exatos até começar o corte e montá-lo: o escorregador.

Não sei quando foi

35

Alex Uzueli

Educador e designer com formação em arquitetura pela FAU-USP. Desde 2015 atuante na construção de objetos, mobiliários e fazeres da educação. Foi professor no Instituto Europeo di Design. Co-fundador e coordenador da Oficinalab, espaço de ensino, coletivo de design e marcenaria no contexto de comunidade criativa para jovens e adultos.

Blocos de montagem formavam espaçonaves, estações espaciais e carros desengonçados com pneus emborrachados.

Navio de papel, de papelão ou de palito de sorvete.

**Ao aproximar os olhos eram gigantes.
O cimento equilibrado na desempenadeira. Ruído estridente da makita, que afasta e fascina.
Uma parede feita por um confeitiro.**

Makita: marca de ferramentas japonesa. No Brasil o nome makita também significa “serra mármore”, a ferramenta de corte mais utilizada por pedreiros.

Escultura em madeira macia e clara como Caixeta, de um tronco cortado. Veios dialogam com a primeira faca. Um moleque querendo provar algo pra alguém.

Veio: estrutura que compõe a madeira e caracteriza os seus desenhos de face. O veio é elemento importante na hora de se manipular a madeira pois sua disposição exige formas específicas de lixar e cortar.

**Acidente e o sangue do meu pai. Máquina que grita e assusta. Um corte no dedo. Barquinho de madeira que ganhei. O terceiro, para o terceiro filho.
Entalhado com formão.**

Formão ou cinzel: ferramenta clássica da marcenaria tradicional usada para entalhe. Geralmente utilizada em conjunto com o maço ou martelo.

Mesmo o caçula merece o mesmo brinquedo. Carro inspirado em uma página de livro que não existe mais. Rodas feitas com serra-copo.

Serra-copo: Acessório da furadeira, é usado para cortes circulares de diâmetros específicos. Muito usado para fazer furações de grande diâmetro. Seu resíduo é uma roda perfeita com um furo concêntrico.

Chassi de bloco maciço. Para o emblema do capô, o prego, eu escolhi! Cabeça amassada de um jeito que nunca tinha visto. Defeito de fábrica, feito para o lugar perfeito.

Uma maquete de plástico. Um grande museu em pequena escala. Uma oficina descoberta. Uma nota alta. Carrinho de rolimã, prancha de cumaru.

Cumaru: madeira amazônica de alta densidade, dureza e durabilidade. Utilizada para construção civil e movelaria. Possui característica fibrosa e cor parda claro ou escura.

Faíscas da lombada ao anoitecer. Brincadeira de irmãos que se negam a envelhecer. Corte e solda conformam uma estrutura preenchida por quadros e requadros de madeira de um trabalho científico difícil de descrever.

Superfícies curvas moldadas por serra-fita e tupia. A mão destra de quem sabe polir.

38

Serra-fita: serra estacionária composta por uma fita dentada. Uma das ferramentas mais importantes da marcenaria, é usada para desdobro, e cortes retos e curvos.

Tupia: ferramenta de corte de alto impacto utilizada para moldação, canaletas, molduras e acabamento de quina. Pode ser portátil ou estacionária. A tupia estacionária é considerada por muitos a ferramenta mais perigosa da marcenaria.

A morte de meu pai. Uma grande obra para finalizar. Esquadrias cheirosas de pinho de riga.

Pinho de riga: madeira de origem europeia, leva o nome da cidade de Riga, na Letônia. Madeira de médio/baixa densidade conhecida pelos seus anéis de contraste marcantes. Sua cor é alaranjada e seu cheiro é forte característico por conta de sua resina. No Brasil foi muito utilizada na construção de esquadrias. Madeira comum na Europa, a história que se conta é que a madeira vinha nos navios europeus, seja como lastro ou como caixas, e eram muito usadas pelos artesãos brasileiros. Aqui é muito valorizada e encontrada em construções centenárias.

Marcações em números romanos do artesão sem história. O barrote de peroba erguido na força que só um macaco hidráulico consegue oferecer.

Barrote: viga estrutural em madeira que serve para fixar o assoalho.

Um assoalho velho fica plano, outro novo montado à minha mão.

39

Uma casa em um lugar distante e outra reformada perto do metrô. As escoras metálicas seguram um andar enquanto a noite fica sem sono. De uma reforma de banheiro a uma casa antiga, aprendi a construir.

Um caminho sombrio por uma Barra Funda industrial vazia. Uma oficina nova e inspiradora. Faço o primeiro móvel da minha casa.

Propósito.

De uma velha gráfica num belo prédio, surge uma parceria e uma escola improvisada. Muitos alunos, máquinas, encontros e projetos. **O primeiro residente.**

Residente: um membro da Oficinalab que vem semanalmente usar o espaço e ferramentas para desenvolver seus trabalhos.

Meu nome escrito na lista de espera do artífice japonês. Seu ateliê é a extensão da sua vida. Cuidado, rigor e gabaritos nunca imaginados. Inspiro e mergulho em livros, textos e cavacos espiralados.

Gabarito: na marcenaria são dispositivos utilizados para fazer cortes e usinagens complexas.

Cavaco: Resíduo fino espiralado do corte de uma plaina manual. Lascas ou farpas do corte de um material por uma ferramenta.

Inúmeros móveis, conhecimento que cresce em uma construção coletiva.

Sem pressa, a prática me ensina a ser educador. Nesta comunidade passam muitos alunos, homens, mulheres e jovens, cujos corpos são as suas vozes.

No projeto de marcenaria para jovens, fui professor de jovens surdos. Aprendi que existe mais de uma forma de falar. Como as fotos preto e branco do Sebastião Salgado, a ausência de cor assim com a ausência de som faz uma profundidade de expressão florescer. O ouvinte muitas vezes não está atento para perceber o quanto o corpo fala.

Estes são pequenos recortes de lembranças que me motivaram a chegar onde estou. Sou a minha história. Tenho paixão por imaginar, pensar, construir e transformar. Tenho o privilégio de dividir o que acredito com outros e ver ideias em forma de objetos serem construídos.

Compartilhar sonhos me inspira. O fazer não somente por fazer, mas de forma consciente. Quando construímos algo, edificamos a nós mesmos.

O título nasceu da primeira dúvida que surgiu quando comecei a refletir onde se iniciou minha vontade de ser arquiteto, de ter uma oficina ou participar de uma escola. Qual o sonho original? Não existe um momento de nossa vida que constrói o que somos, mas sim um percurso, uma prática de vida. Estamos em constante transformação. O texto,

que também foi construído assim, é um conjunto de retalhos de memórias que constituem um pouco da minha vida e o desdobramento em escolhas.

Projetos básicos de marcenaria

O projeto Marcenaria é o mais antigo do Instituto, com diversos projetos desenvolvidos por professores, professoras, alunas e alunos ao longo do tempo. Selecionamos dois projetos básicos que já foram ensinados nas aulas, com o objetivo de torná-los acessíveis a qualquer pessoa interessada em construir.

Ilustrações: Alex Uzeli

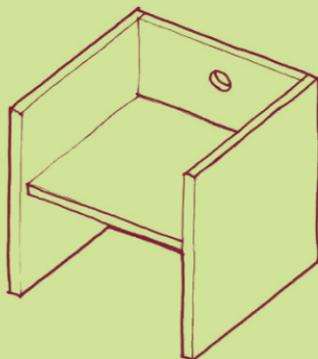
Banco cubo

43

Este banco clássico é inspirado na pedagogia montessoriana e possui três tamanhos de assento: 13, 17 e 30 cm. A ideia por trás dele é que o móvel possa se adaptar ao crescimento da criança, acompanhando a sua evolução.

Além disso, o objeto em formato cúbico pode ser empilhado para formar prateleiras ou até mesmo uma pequena mesa de cabeceira. Quando usado na medida de 30 cm, o banco pode ter múltiplos usos para adultos.

Em 2019, os alunos e alunas reproduziram um banco semelhante no CAPS Santana, produzindo cerca de 10 peças que foram entregues como legado para os jovens e crianças da instituição.

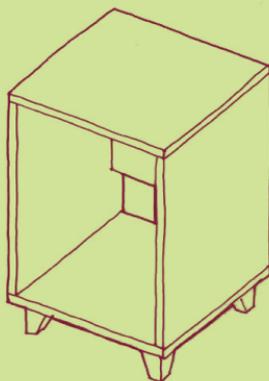


Este é um projeto simples, direto e fácil de construir, sendo uma peça básica que pode ser utilizada em qualquer ambiente. Suas proporções e medidas o tornam adequado para ser um banco, uma sapateira ou uma mesinha de cabeceira. É possível seguir o projeto sugerido ou criar outras formas de posicionar a prateleira, proporcionando ao objeto múltiplas funções.

Podemos dizer que esse objeto serviu como um tutorial básico para vários cursos, em diferentes tamanhos. Suas medidas e proporções também foram inspiradas na caixa 3 tabelas, um objeto amplamente utilizado na cena audiovisual devido à sua versatilidade.

A proporção do módulo 3x4 também permite que ele seja empilhado, transformando-o em uma estante vertical ou horizontal.

Um projeto semelhante foi executado como parte de um tutorial em vídeo do projeto de 2020.





O que você vai precisar

Para montar suas peças, você vai precisar:

- parafusos para madeira 40x3,5 ou 45x3,5;
- parafusadeira ou furadeira;
- broca escariadora 3x8 (se não tiver pode usar uma broca simples 3mm);
- bit phillips (ou chave phillips);
- cola amarela para madeira;
- serra copo 35mm;

A ideia é que você consiga construir com pouco material.

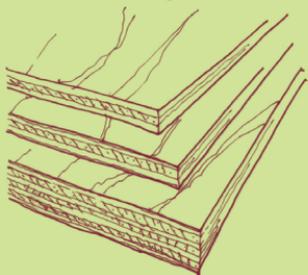
Você pode usar uma prancha de madeira pinus (30 cm x 2 cm) ou uma tira de compensado (30 cm x 1,5 cm).

No tutorial iremos usar uma tira de 30 cm x 1,5 cm.

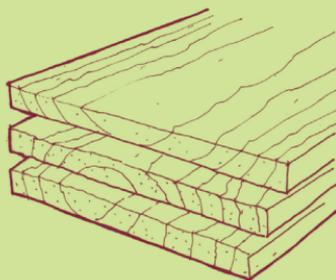
Se mudar o material, lembre-se de adaptar as medidas!

No caso do compensado, você pode conseguir em alguma marcenaria da região.

O comprimento depende, pode variar de 2,2 metros à 3 m. Com o plano de corte você pode fazer mais de 1 peça.



Compensado, corte em tira 30cm e 1,5cm de espessura. Compensado parece um “waffle”, são várias lâminas coladas em uma prancha.

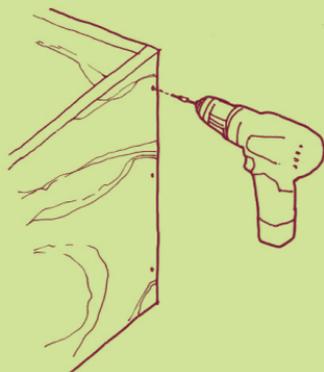


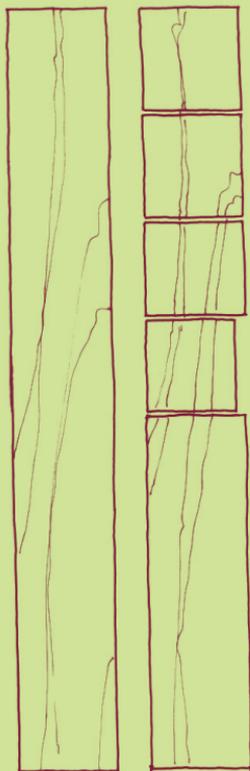
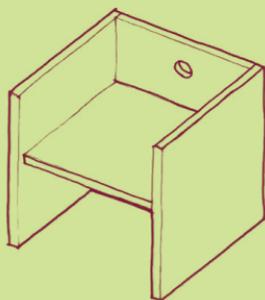
Prancha de pinus, 30 cm x 2 cm (geralmente vem com 2,9m de comprimento)

Depois de cortar todas as peças com precisão, chegou a hora de montar!

Para isso você irá precisar dos parafusos, cola, parafusadeira, bit philips PH2 e broca escariadora.

- 1 prenda as peças na posição indicada
- 2 marque onde irá parafusar, marcando bem no meio da espessura da peça. Divida mas marcações pelo comprimento deixando aproximadamente 4cm das extremidades.
- 3 passe cola nas junções
- 4 fure com broca escariadora nas marcações
- 5 parafuse a peça



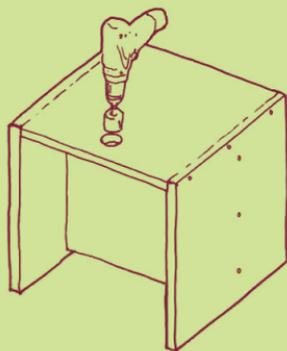
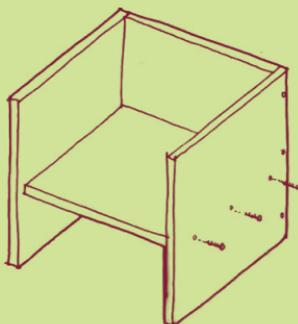
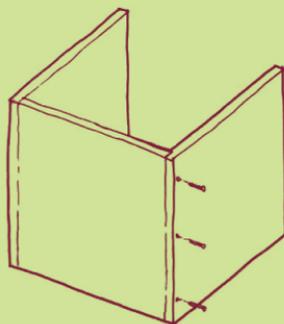
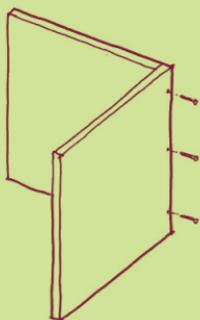


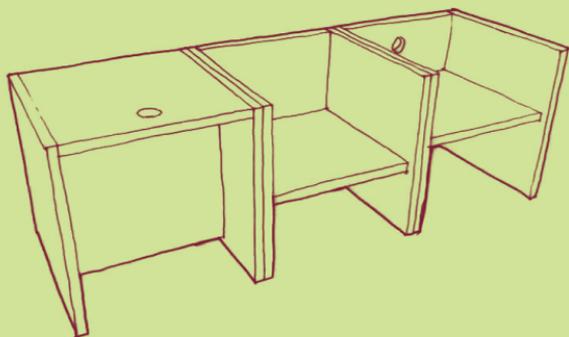
Plano de corte

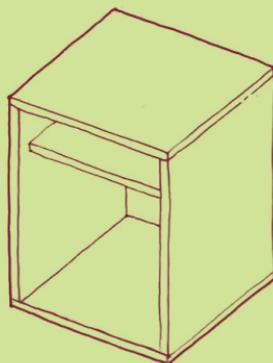
Com sua prancha ou tira de 3cm em mãos você precisará cortar sua peça nas seguintes medidas:

- 2 peças de 30cm x 30cm
- 1 peça de 30cm x 27cm
- 1 peça de 27cm x 27cm

(Atenção à direção do veio!)





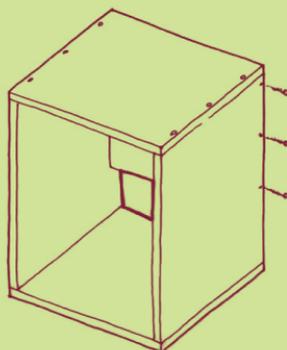
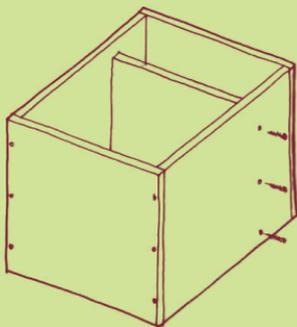
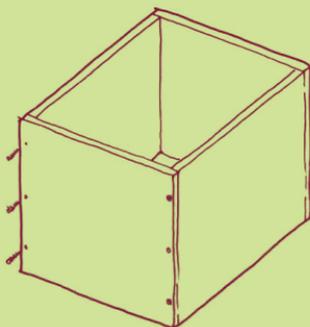
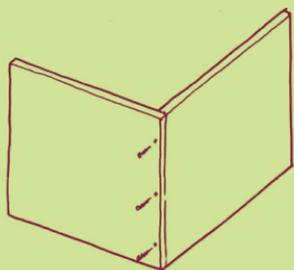


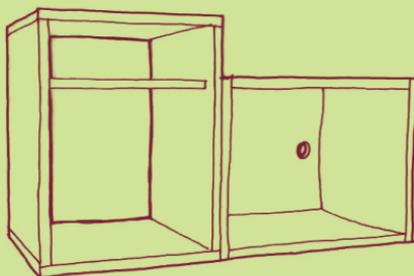
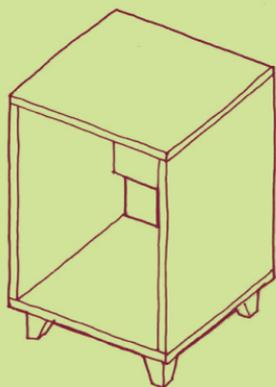
Plano de corte

Com sua prancha ou tira de 30cm em mãos você precisará cortar sua peça nas seguintes medidas:

- 2 peças de 30cm x 30 cm
- 2 peças de 30cm x 37cm
- 1 peça de 27cm x 27cm

(Atenção à direção do veio!)













VÍDEOS CONSTRUA!

Desde 2009 o Instituto Tomie Ohtake desenvolve o projeto Marcenaria, um curso presencial que tem como um dos principais objetivos apresentar a marcenaria como uma forma de expressão artística e criadora para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Em 2022 o projeto Marcenaria produziu uma série de vídeos com três marceneiras que apresentaram propostas de construção de objetos e jogos.

Assista em:



[http://youtube.com/
playlist?list=PLeGwcdalfnMEiwiSID1VlsozhyfCyeeCg](http://youtube.com/playlist?list=PLeGwcdalfnMEiwiSID1VlsozhyfCyeeCg)

PUBLICAÇÃO MARCENÁRIA 2023

Coordenador
Claudio Rubino

Editor e revisor
João Paulo de Oliveira
Lima

Textos
Alex Uzueli
Carol Tonetti
Claudio Rubino
Nane Garrido
Júlia Jinkings
Sueli Trindade

Ilustrações
Alex Uzueli
Julia Paccola

Mobiliário
Alex Uzueli
OficinaLab

Fotografias
Claudio Rubino

Videolibras
Acessibilidade
em Libras: Ponte
Acessibilidade
Intérprete surda: Lara
Gomes
Locução: Naiane Olah

**Audiodescrição e
narração**
Roteiro de
audiodescrição:
Cintia Alves
Locução: Cintia Alves
e Matheus de Souza
Consultoria: Edgar
Jacques
Edição e mixagem:
Bianca Milanda

Trilha sonora
Juliana Keiko
Bianca Milanda

**Acessibilidade
Digital**
Digo Gomes
John Keven

PROJETO MARCENARIA 2022

Coordenador
Claudio Rubino

Produtora
Caroline Pacheco

**Professor
idealizador**
Alex Uzueli

Local
OficinaLab

**Professoras e
professores 1º
semestre 2022**
Alex Uzueli
Andre Cheri
Júlia Jinkings Bueno
Vitor campos

**Professoras e
professores 2º
semestre 2022**
Alex Uzueli
Ana paula Tavares
Carmen Furtado de
Mendonça
Júlia Jinkings
Milena Chuba
Victor Campos

**Intérprete de
Libras**
Sueli Trindade

Guia-intérprete
Dario Gonçalves
Elaine Vilela

Vídeos - Convidadas
Nane Garrido
Joici Ohashi
Julia Jinkings Bueno

Produtora de vídeos
Terra Preta
Produções
Ricardo Portela

Trilha sonora
Juliana Keiko
Bianca Milanda

Identidade visual
Julia Paccola
Claudio Rubino

Fotografia
Ricardo Miyada

**Libras, legendas e
voz (audiovisual)**
Ponte Acessibilidade
Livia Villas Boas
Naiane Olah

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente Estatutário

Ricardo Ohtake

Conselho Deliberativo

Flavia Almeida
presidente
Tito Enrique da Silva
Neto vice-presidente
Altamiro Boscoli
Antonio Meyer
Aurea Vieira
Daniela Villela
Fernando Morais
Fernando Shimidt
Heitor Martins
Jandaraci Araujo
João Vieira da Costa
Lilia Moritz Schwarcz
Luciana Trajano
Marlui Miranda
Paula Mello da Rocha
Azevedo
Renata Motta
Roberto Miranda de
Lima
Rodrigo Bresser-
Pereira
Sergio Gusmão
Suchodolski
Sueli Carneiro
Walter Appel

Conselho Fiscal

Miguel Gutierrez
Patricia Verderesi
Sérgio Miyazaki

Núcleo de Pesquisa e Curadoria

Paulo Miyada
curador-chefe
Catalina Bergues
Diego Mauro
Julia Cavazzini
Priscylla Gomes

Núcleo de Cultura e Participação

Carol Tonetti diretora
Ana Karina Nogueira
Andrea Lalli de
Freitas

Carina Bessa
Claudio Rubino
Dara Roberto
Divina Prado
Fernanda Beraldi
Guilherme Lima
Fernandes
Gustavo Menezes
Jane Santos
Julia dos Anjos
Cantanhede aprendiz
Kaya Fernanda Vallim
Maria Cecília Lima
Natame Diniz
Sabrina Fontenele
Thamata Barbosa
Victor Constantino
Wanessa Yano
Yasmin Scatolin

Núcleo de Produção de Exposições e Projetos

Vitoria Arruda
diretora
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Karina Mignoni
Lucas Fabrizzio
Pedro Lemme
Ricardo Miyada
Rodolfo Borbel
Pitarello

Administração e Desenvolvimento Institucional

Gabriela Moulin
diretora

Administração

Fábio Santiago diretor
Carlito Oliveira Junior
Ollyver Silva Martins
Rosana Vitoria Gomes
aprendiz
Tatiane Romani
Willian dos Santos

Projetos

Beatriz Saghaard

Captação

Julia Bergamasco
Jaqueline Viana
Paulo César Jr.
Rafael Pinheiro

Design Gráfico

Vitor Cesar
Felipe Carnevalli
Ligia Pedra

Tecnologia da Informação

Wesley Pereira da
Silva

Secretaria

Maria de Fátima
Rocha

Comunicação

Flávio Silva
Vanessa Rezende

Assessoria de Imprensa

Pool de Comunicação
Marcy Junqueira
Martim Pelisson

Jurídico

Borges Sales & Alem
Advogados
Mei Jou
Renata Saori

Coordenação Operacional

Marcos Sutani

Apoio

Alessandro Oliveira
Cristiane Aparecida
Santos
Edmilson Pereira
Edna Cristina Simão
Edson José
Elcio Borges
Eliane Karsch Firmino
Elza Martins
Fábio Araújo
Jonas Pires
Leticia Ribeiro da
Silva
Marcelo Mariano
Margarete Oliveira
Raiana Ramos
Sílvia Regina
Steven Washington
Tainara de Jesus
Veloso
Vandoclécio Vicente

Técnica

Adilson Oliveira
Jacildo A. Paula
Jeferson Souza
Silvio S. Lima

Serviços Gerais

Elizandro Ferreira
Genivaldo Pedro da
Silva
Jairo do Nascimento
Luciene Monteiro
Maria Severina
Gomes
Sebastião Alves Silva

Zelador

Aroldo Eça
Valdir Ramos

**© Instituto Tomie Ohtake
INSTITUTO TOMIE OHTAKE**

Complexo Aché Cultural
Rua Coropés, 88
Pinheiros – São Paulo
(11) 2245-1900
www.institutotomieohtake.org.br
instituto@institutotomieohtake.org.br
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marcenaria [livro eletrônico] : relatos e artefatos da memória de uma escrita pela madeira / Alex Uzueli...[et al.] ; organização Instituto Tomie Ohtake ; coordenação Claudio Rubino ; curadoria Claudio Rubino ; ilustração Julia Paccola, Alex Uzueli.
-- São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2023.
PDF

Outros autores: Carol Tonetti, Claudio Rubino, Nane Garrido, João Paulo de Oliveira Lima, Júlia Jinkings, Sueli Trindade.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-89342-34-2

1. Artes - Brasil 2. Design
3. Interdisciplinaridade 4. Marcenaria I. Uzueli, Alex. II. Tonetti, Carol. III. Rubino, Claudio. IV. Garrido, Nane. V. Lima, João Paulo de Oliveira. VI. Jinkings, Júlia. VII. Trindade, Sueli. VIII. Instituto Tomie Ohtake. IX. Paccola, Julia.

23-161827

CDD-749.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Marcenaria : Artes 749.3
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Patrocínio



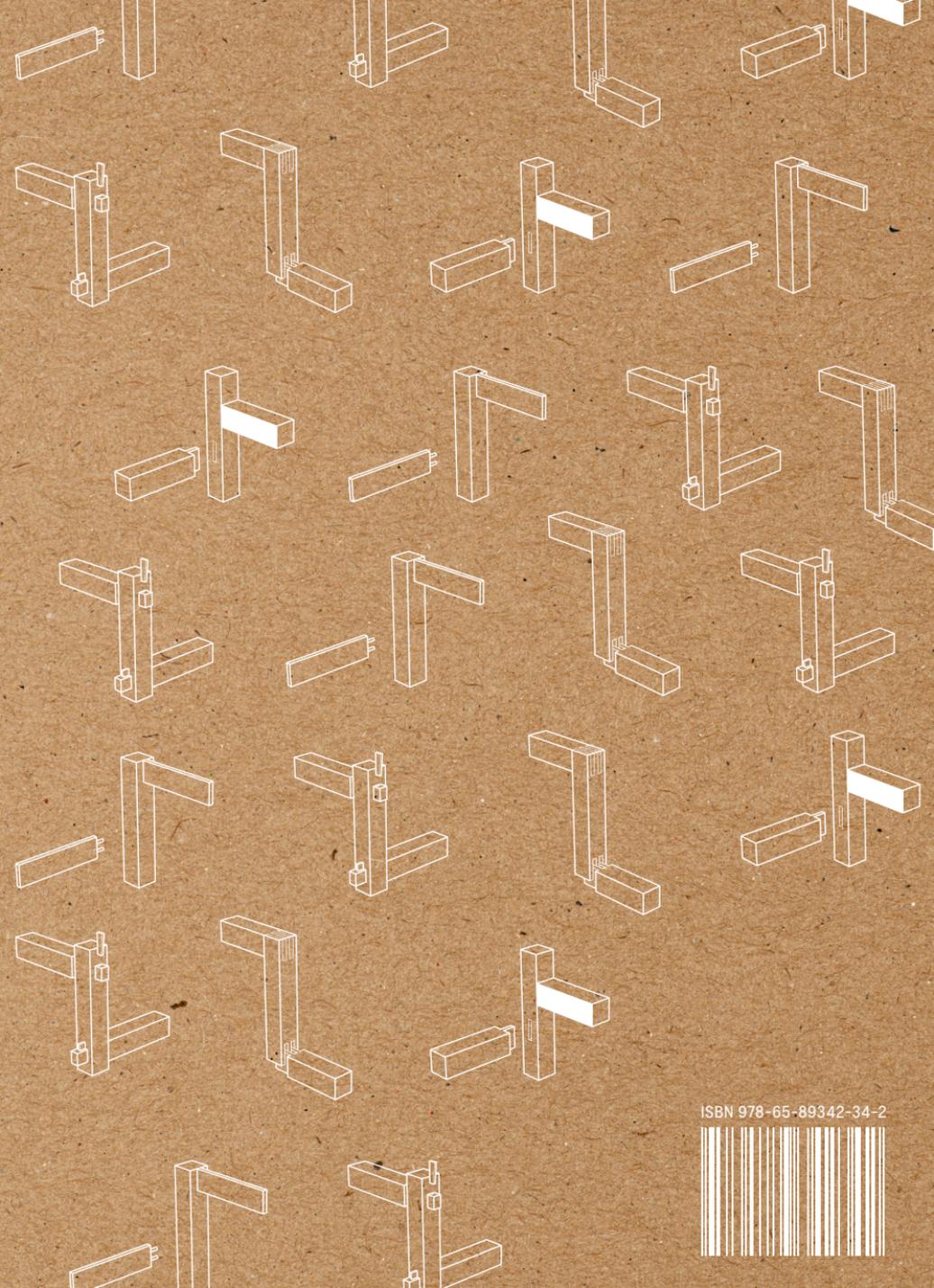
Parceiros institucionais do
Núcleo de Cultura e Participação

Idealização e coordenação

Realização



Pronac: 203086



ISBN 978-65-89342-34-2

